

*Nascentes***DAS ÁGUAS DO OCEANO AOS ACALENTOS DA AVÓ:
A REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA EM *MARÉIA*, DE MIRIAM ALVES***Marla Bispo Santos***Paulo Roberto Alves dos Santos***

RESUMO: O presente estudo tem como *corpus* o romance *Maréia*, de Miriam Alves, cuja trama se desenvolve a partir de pontes que conduzem aos campos da memória e da (re)construção identitária. A partir do protagonismo feminino negro, a narrativa alinha atemporalidades, discute as representações históricas negro diaspóricas e colonial, além de evidenciar as relações das personagens com práticas religiosas que remetem a ancestralidades. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é o de caracterizar aspectos identitários, em *Maréia*, pela perspectiva da autoria feminina negra. O referencial teórico tem fundamentação em Cuti. (2010), com o conceito de literatura negro-brasileira; Conceição Evaristo. (2011), para as reflexões sobre autoria feminina negra; Candau. (2013, 2019) e Le Goff. (1990), a respeito da memória e identidade; Silva, Hall e Woodward. (2020), para tratar da identidade e representação, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira, memória e resistência negra; Literatura feminina, memória e identidade; Literatura e história; Literatura negro-brasileira feminina.

Introdução

Historicamente, no Brasil, as relações sociopolíticas foram estruturadas sob a ótica de um projeto de supremacia racial branco, implementado a partir da chegada dos portugueses por intermédio do modelo colonial que impuseram, o qual subalternizou as alteridades dissidentes alheias ao sistema patriarcal da tradição judaico-cristão. Com o apoio da Igreja Católica, cuja doutrina inquisitorial combatia práticas diferentes das que pregava sob o pretexto de heresia e bruxaria, empregaram a violência de forma cruenta contra povos nativos que resistiam à escravização. Diante das dificuldades para subjugar os indígenas, dentre as quais o conhecimento que tinham do seu território, os lusitanos voltaram-se para a África, onde passaram a sequestrar pessoas, a quem submetiam a todo tipo de indignidade para utilizá-las

* Mestranda em Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz. (Uesc) Bolsista Fapesb.

** Doutor em em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (Puc-RS) Professor permanente do Programa de Pós-Graduação Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz. (UESC)

como mão-de-obra escravizada para a introdução do cultivo da cana-de-açúcar e para a sustentação do desenvolvimento de uma das principais atividades agrícolas na órbita europeia, ao longo dos dois séculos seguintes.

Raptados e praticamente indefesos, milhões de homens, mulheres e crianças negras eram colocados à força em navios sob condições mínimas de sobrevivência para uma travessia de semanas, situação que dava início a um processo violento de despersonalização, sendo a primeira etapa a atribuição de nome português e a imposição do catolicismo, prosseguindo com a proibição de qualquer prática de suas tradições culturais e religiosas. Ao desembarcarem no Brasil, eram sujeitados a violências físicas e psicológicas com o intuito de quebrar a força moral para se rebelar, porém mesmo desumanizados e invisibilizados no processo de formação do estado brasileiro, resistiram e conseguiram preservar sua memória e sua ancestralidade. A presença de elementos socioculturais negro-africanos é reconhecida nas mais diversas expressões da nossa identidade, como palavras e expressões do português brasileiro, ritmos musicais, danças, hábitos de alimentação, traços comportamentais etc. Assim, formamos uma sociedade proveniente da mestiçagem – entendendo-se como tal a prática recorrente da violência contra corpos de mulheres pretas e indígenas – do apossamento, da escravização e do silenciamento dos não europeus.

As brutalidades impostas pela colonização portuguesa se mantiveram após a emancipação, porque a continuidade da escravização foi um dos principais pontos de convergência entre as elites que, em sua maioria mobilizadas por motivos regionais, defendiam a independência, conforme aponta Laurentino Gomes (2007)¹. Desta maneira, as marcas deixadas pela subjugação contínua perpetrada por longo tempo estão atreladas à memória e à identidade de grupos afrodescendentes, que ainda hoje sofrem o racismo e os efeitos da branquitude (PIZA, 2002). Nesse sentido, a memória e a ancestralidade não são apenas recursos de lembranças dos séculos de sofrimento, mas a construção identitária individual e coletiva. Resgatar a memória, os costumes, as tradições e manifestações de religiosidade é resistir ao apagamento da própria história, esforço que escravizados e escravizadas fizeram incessantemente por gerações que se sucediam transmitindo pela oralidade aquilo que preservavam em sua memória sobre seu passado. Sem receber qualquer tipo de reparação após o fim da escravidão, a população negra ficou excluída do acesso à escolarização e à leitura, de acordo com

¹ “João Luis Ribeiro Fragoso, em *Homens de grossa aventura*, p. 181, diz que só entre 1811 e 1830 foram realizadas 1181 viagens de navios negreiros da África para o Rio de Janeiro nas quais foram transportados 489 950 escravos”. (GOMES, 2007, p. 380)

Petrônio Domingues (2003), em estudo sobre o estado de São Paulo, mas que expressa uma realidade que se estendeu pelo país inteiro. Graças a atuação dos movimentos negros, surgiram políticas públicas importantes para que a situação começasse a mudar de uns anos para cá, ainda que em ritmo mais lento do que o desejável.

As políticas de inclusão decorrem de lutas dos movimentos negros, em particular, as que tomaram força na década de 1970, quando também surgiu um movimento literário que se articulou em torno do coletivo Quilombhoje que passou a editar o *Cadernos Negros*, publicação anual que reúne produções literárias de negros e negras. Miriam Alves é uma escritora cuja trajetória teve início a partir da divulgação de criações suas pela antologia e autora do romance *Maréia*, publicado em 2019, o qual aborda temas como memória, identidade, ancestralidade, religiosidade e culturas afrodescendentes, bem como problematiza aspectos históricos que fazem referência à colonização e ao acúmulo de riquezas por famílias portuguesas. A maneira pela qual trata desses assuntos permite a reconstituição de um painel que remete ao processo de formação social do Brasil, principalmente, no que diz respeito à escravização e à consolidação de uma elite branca à custa da exploração do trabalho de negros e negras. Nesse sentido, a trama oferece perspectivas de análise que possibilitam relações com a realidade dos dias de hoje. A partir do protagonismo negro, alinha atemporalidades, entrecruza histórias e sujeitos – na dimensão do ser, estar e pertencer –, por meio da linguagem, do simbólico e da (re)significação.

Nessa perspectiva, objetivamos caracterizar os aspectos identitários afrodescendentes representados em *Maréia*, uma vez que, além do que foi mencionado, a obra apresenta uma narrativa com temática atual que envolve categorias e conceitos formulados por teóricos negros, é de autoria feminina negra, remete a questões relacionadas ao campo afro diaspórico e, por último, mas não menos importante, está em consonância com o que propõe Conceição Evaristo (2009) sobre literatura negra. Segundo postulações defendidas pela escritora e crítica mineira, a serem tratadas mais adiante, podemos afirmar que o referido romance é um corpus literário marcado pelas representações, experiências, vivências e cosmovisões de mulheres e homens negros, na sociedade brasileira. Trata-se, pois, de uma escrita constituída pela memória, pela identidade e pela história afro diaspóricas, a partir dos seus lugares sócio discursivos.

Memória e identidade

Miriam Alves transita pela ficção como poeta, contista, dramaturga, romancista, além de escrever textos críticos ao longo de uma trajetória iniciada em 1982, quando divulgou sua

primeira poesia no volume 5 de *Cadernos Negros*, que ainda circula e se mantém como veículo que acolhe produções literárias de negros e negras principiantes. Também publicou e organizou diversas antologias independentes e, depois de um processo de amadurecimento, estreou como romancista com *Bará na trilha do vento*, de 2015. No âmbito político, Alves integrou o Movimento Negro Unificado e atuou em organizações que lutam pela causa negra, sendo uma de suas bandeiras o direito a espaços para a mulher negra, sobretudo, na literatura. Uma estratégia à qual recorre para defender suas ideias é a participação em palestras, congressos e outros eventos no Brasil e no exterior que tratam da escrita feminina, da literatura negra e da história afrodescendente e afro diaspórica

Diferente das representações negras estereotipadas apontadas por Cuti (2010) e encontradas em romances paradigmáticos da literatura brasileira, como *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, e *Bom crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, as personagens negras em *Maréia* não são animalizados ou condicionados a papéis de subalternidade. Ao contrário, há uma grande afirmação da negritude, da ancestralidade, da religiosidade, da oralidade e a forte presença das subjetividades por meio de pensamentos, desejos, frustrações e emoções. Ainda nessa perspectiva, a família branca que integra o enredo, apesar de poderosa – às custas de apropriação de bens e da condição da escravatura – é formada pelos que sofrem as mazelas e desgraças, desde enfermidades incuráveis a mortes trágicas, deslocando, assim, os lugares e grupos de poder comumente representados, quando na perspectiva da branquitude: o branco é o bom, o belo e o justo e a negritude o oposto disso tudo.

Maréia, além de nomear a obra, é também a protagonista da trama cujo enredo trata da história de duas famílias que se dividem e se entrecruzam em um passado-presente contínuo, sendo uma branca e abastada, os Menezes de Albuquerque e, a outra afrodescendente, os Nunes dos Santos. A aproximação entre ambas se dá, respectivamente, por intermédio de Alfredo e *Maréia*, que se prendem simbolicamente por meio de um medalhão, na verdade, um bem expropriado dos antecessores da família negra. O objeto foi furtado por um português (patriarca fundador da família de Alfredo), em circunstâncias que envolvem a exploração do tráfico de africanos para o Brasil e, nesse sentido, faz referência à colonização e ao sistema branco que desde sempre escravizou, subalternizou e arrogou-se a posse de bens materiais, culturais e intelectuais dos povos que subalternizava. No que diz respeito a tradições, memória e ancestralidade, o medalhão é portador de uma maldição contra os profanadores de territórios sagrados

A narrativa é construída com simbolismos e elementos da língua iorubá, que ganham significação ao longo do desenvolvimento do enredo, sendo um dos exemplos o nome

Maréia, que é junção de mar e areia. Com o desenrolar dos acontecimentos, percebe-se que as águas caracterizam elementos profundos da narrativa e se opõem à areia que, por um lado é a terra, enquanto por outro representa um espaço transitório, uma espécie de limite entre dois mundos: o da superfície, conhecido, visível e o das profundezas, desconhecido, obscuro. Simultaneamente, mar e areia estão relacionados à genealogia da personagem, porque aludem, respectivamente, pai e avô que foram marinheiros, e a força da mãe e da avó. No romance, as relações construídas entre as famílias estão ancoradas por uma memória ancestral e identitária – as famílias voltam-se para o passado, quer seja para conectarem-se, quer seja, para justificar as mazelas que lhes ocorrem. Assim, a compreensão do passado e da história das respectivas clãs são fundamentais para entender o presente e a própria subjetividade de cada personagem, tais quais são marcadas pelas semelhanças e diferenças.

Os velhos cumprem uma função importante, pois são os portadores da história e têm o poder de decisão sobre a omissão ou revelação do passado e, no que se refere aos Nunes dos Santos, descendentes de escravizados, as sucessivas menções a tempos pretéritos é uma maneira de reverenciar as ancestralidades e preservar a memória. É o que acontece em relação ao ofício de marinheiro, como referido há pouco, e à ligação de Maréia com a música e, nesse caso, vem à lembrança registros escritos e pictóricos de cenas da época da escravidão descrevendo negros dançando e executando instrumentos. Em *Os sons dos negros no Brasil* (2012), José Ramos Tinhorão mostra a musicalidade e a dança como elos fortes entre os negros submetidos à escravidão e como forma de manter vivas a cultura, a religiosidade e a memória afro diaspórica.

Do outro lado, os Menezes de Albuquerque representam uma família branca, por consequência, o processo de colonização portuguesa e as questões de violência, silenciamento e apropriação desse período histórico que configura sistemas sócio raciais até os dias atuais. Poucos membros têm conhecimento sobre a maneira como a família acumulou fortuna e gere seus negócios, nesse caso, observa a prefaciadora do livro, a memória “e seu processo de constituição, para os Menezes de Albuquerque”, forja um passado, porquanto “a história heroica é contada e documentada para esconder a pusilanimidade (SOUZA, 2019, p. 8). A situação mencionada é protagonizada por Alfredo no momento que “lembrava a voz do pai, contando aventuras heroicas, desbravamentos e conquistas de senhores feudais, que dizia serem seus antepassados” (ALVES, 2019, p. 37).

A cena remete ao processo de ocupação do Brasil pelo colonizador e à mentalidade que a concebeu, a qual excluiu mulheres, indígenas e negros. Ao mesmo tempo, faz lembrar Kathryn Woodward (2020, p. 8), quando, tomando como referência as ideias de Stuart Hall,

afirma que a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior. Por essa perspectiva, é possível especular que, consciente do projeto político forjado pela colonialidade, Miriam Alves elaborou em *Maréia* uma trama que pode ser pensada como instrumento para deslocar posições de poder branco-centradas e valorizar a construção identitária afrodescendente, bem como a memória ancestral. Para Joel Candau, em *Memória e identidade* (2011), toda memória carrega consigo o esquecimento e os espaços identitários estão referenciados na ancestralidade. De acordo com o antropólogo, memória e identidade estão indissoluvelmente ligadas e, apesar de a primeira ser anterior, ambas estão atreladas, sendo um indivíduo sem memória, portanto, vazio de sua identidade. Há passagens do romance, como um dos momentos em que marea concentra-se para tocar, que serve de ilustração ao pensamento do antropólogo, como se percebe a seguir:

Posicionou a flauta transversal dourada, soprou de manso, realizando o aquecimento com as notas longas, deixou-se levar pela magia do som, imaginava dialogar em dueto com o bisavô, improvisou uma melodia. A sonoridade a fazia lembrar os relatos de Maria Dorotéia Nunes dos Santos, chamada carinhosamente de vó Déia, transmitia à neta, detalhes sobre sua ascendência, para que a memória não esmaecesse na bruma branca do esquecimento. (ALVES, 2019, p. 27)

Compreendemos, desse modo, que toda memória carrega consigo o esquecimento, quer dizer, à primeira vista não é possível lembrar de tudo, assim, cada vez que contamos uma história lembramo-nos de um detalhe ou uma informação nova que – armazenada na faculdade da memória – ainda não estava disponível de todo.

A memória ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoia uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final resta apenas o esquecimento. (CAN-DAU, 2019, p.16)

A memória é, não apenas, parte da construção sujeito-identidade-mundo, mas também manutenção de estruturas sócio-históricas de poder. O lembrar-se ou esquecer-se pode manter tradições, grupos, história ou apagá-los segundo o projeto político pensado em determinadas sociedades. Nesse sentido, Le Goff (1990, p. 368) explica a importância da memória, sobretudo, pela perspectiva social ou coletiva: “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente, aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento”. Ainda, nessa perspectiva:

Finalmente, os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento. (nomeadamente no segmento de

Ebbinghaus), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1990, p. 368)

Desse modo, (re)contar a história, (re)memorar ou manter a memória ancestral de determinados grupos étnicos é um ato de resgate e resistência:

De fato, o jogo da memória que vem fundar a identidade é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos: no domínio da “identidade étnica”, a completa assimilação dos indivíduos pode ser contestada pela sociedade que os acolhe, desde que o trabalho de esquecimento de suas origens não tenha se completado.. (CANDAU, 2019, p.18)

Em relação à identidade étnica, há em *Marécia* o resgate memorialístico das culturas afrodescendentes em suas raízes afroétnicas, algo que se revela pelo uso de termos provenientes do iorubá, uma língua da família nigero-congolesa, região que abrange áreas dos territórios da Nigéria e do Benin. Em vários episódios da narrativa aparecem situações em que personagens negras recorrem à memória, como exemplifica a cena reproduzida a seguir, uma das muitas em que Marcílio, avô da protagonista conta suas histórias:

Os que participavam da reunião, homens, mulheres e crianças, sentiam-se vivificados com as lembranças guardadas na memória do tempo e no ventre do mar, narradas pelo velho marinheiro, que ostentava um colar de contas azuis para amainar o desejo de voltar para o mar. Os longos períodos em terra firme deixavam-no desconfortável. (ALVES, 2019, p. 53)

As alteridades afro diaspóricas, assim como as ameríndias, sofreram ao longo da história um processo de apagamento da memória e, conseqüentemente, o deslocamento identitário que foi brutalmente imposto no processo de colonização. Nesse sentido, Candau (2019) afirma que

Sem memória o sujeito esvazia e vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança da sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si. (CANDAU, 2019, p. 59-60)

Para compreendermos os processos de construção de identidade, é preciso entender que as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e pelos sistemas simbólicos pelos quais são/estão representados, sendo que o social e o simbólico são dois processos distintos, mas necessários para a manutenção das identidades. Como propõe Woodward (2020, p. 17), só podemos compreender os significados envolvidos nesses sistemas se tivermos alguma ideia sobre quais as posições-de-sujeitos eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados em seu interior.

Le Goff (1990, p. 366) em *Memória e história* afirma que a memória, como propriedade de conservar certas informações, o que nos remete em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. De acordo com o anteposto

Leroi-Gourhan considera a memória em sentido lato e distingue três tipos de memória: memória específica, memória étnica, memória artificial: “Memória é entendida, nesta obra, em sentido muito lato. Não é uma propriedade da inteligência, mas a base, seja ela qual for, sobre a qual se inscrevem as concatenações de atos. Podemos a este título falar de uma “memória específica” para definir a fixação dos comportamentos de espécies animais, de uma memória “étnica” que assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas e, no mesmo sentido, de uma memória “artificial”, eletrônica em sua forma mais [Pg. 426] recente, que assegura, sem recurso ao instinto ou à reflexão, a reprodução de atos mecânicos encadeados”. (LE GOFF, 1990, p. 368)

Candau (2019) também entende que dentro do conjunto de funções psíquicas ou o que ele nomeia por *faculdade da memória*, há três níveis de memória: a *protomemória*, a *memória propriamente dita* ou de alto nível e a *meta memória*. Destacamos o que o teórico diz sobre a segunda:

A memória propriamente dita ou de alto nível, que é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica. (saberes, crenças, sensações, sentimentos etc.). (CANDAU, 2019, p. 23)

O romance *Maréia* é construído por memórias e lembranças² das quais fazem referência a experiências individuais e coletivas, a saberes e práticas ancestrais e biográficas, pelas personagens que conduzem a narrativa. A construção dessas figuras é de maneira forte e cheia de sensações e sentimentos, tanto na família de Maréia quanto na de Alfredo. Assim sendo, para os Nunes Santos a memória diz respeito à preservação de tradições ancestrais e, por

² A autora afirma em entrevista que o romance é construído na perspectiva da memória. (e história), bem como da afirmação identitária. Para tanto fez uma vasta pesquisa acerca das navegações, do período escravocrata e outros momentos históricos para desenvolver os seus personagens. A entrevista foi concedida ao site Biblio - Cultura informacional, em 2019.

consequência, é uma forma de resistência e de posicionamento diante do mundo, como ficou demonstrado pelo episódio envolvendo o avô de Maréia, citado parágrafos atrás. Por sua vez, para os Menezes Albuquerque, cujo passado foi falseado, a memória transforma-se em estratégia para legitimar as deturpações, como se observa nas inquietações do avô de Alfredo diante da dificuldade que enfrenta na preparação do neto como seu sucessor:

Ali abrigado, fraquejava, a floravam seus medos recônditos, chegava a acreditar em maldição, depois recuava para não se aquebrantar, dando vasão à tristeza, mantendo a postura impoluta de manter respeito. Passava horas cismando, revirando memórias, mexendo em documentos, resmungando: “Tenho que prepará-lo, é o que me restou”. (ALVES, 2029, p. 42)

Nesse sentido, a importância do signo – um signo é aquilo que os outros não são – “ser-sujeito” no mundo ressignifica e evoca a memória propriamente dita, ademais da meta memória que é a representação dessa mesma memória. No que diz respeito à construção identitária, Candau (2019, p. 19) reitera que, não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente. Compreendemos, portanto, que a memória de um indivíduo é o que o constitui enquanto sujeito no mundo, significa dizer que, ao resgatar a memória de alguém, resgata-se também a sua identidade. Le Goff (1990, p. 368) reconhece que o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento. Ademais, a memória torna-se recurso na manutenção de estruturas de poder e silenciamentos de grupos e indivíduos, podendo determinar o que deve ser lembrado ou esquecido.

A autora ao escolher representar fatos históricos, dentro do plano ficcional, acerca da colonização, das navegações, dos navios negreiros, bem como da violência física e patrimonial, evoca a fim de lembrar-nos de um passado que não se pode repetir, um passado violento, manipulado e silenciado pela branquitude. Nessa perspectiva, Hooks (2019, p. 50) em *Olhares negros: raça e representação*, afirma que a desconstrução da categoria “branquitude” é central para esse processo de desaprender atitudes e valores supremacistas brancos. A autora reitera que enquanto pessoas negras forem ensinadas a rejeitar a própria negrite e ou “nossa história e nossa cultura como única maneira de alcançar qualquer grau de autossuficiência econômica, ou ser privilegiado materialmente, então sempre haverá uma crise na identidade negra”. (HOOKS, 2019, p. 60).

Nessa perspectiva, a marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentidos a práticas e a relações sociais. Em *Maréia*, a autora desloca as personagens criadas, visibilizando-as em posições-de-sujeitos a partir de outros lugares sociais e de poder, como forma de evidenciar

uma relação de oposição ao imaginário social colonizado(r). Maréia, personagem principal é herdeira da musicalidade ancestral familiar, frequentou a universidade e tornou-se professora de música erudita, mas sem perder o vínculo com suas raízes negras. Por outro lado, a família branca, apesar das riquezas que acumula e da influência política que exerce, é acometida de muitas desgraças, que se concretizam em sucessivos infortúnios, enfermidades incomuns e mortes trágicas. Miriam parece reconstruir a história na afirmação identitária, do ponto de vista de quem era o outro, quer dizer: uma mulher negra, falando de sua própria negritude e não pelo olhar estereotipado do colonizador.

No que diz respeito à representação, conceito importante para falar em representação e representatividade, de acordo com Roger Chartier (2011, p.20):

A noção de representação, [...] modificou profundamente a compreensão do mundo social. Obrigou, efetivamente, a repensar as relações que mantém as modalidades da exibição do ser social ou do poder político com as representações mentais [...] que dão. (ou negam) crença e crédito aos signos visíveis que devem fazer reconhecer como tal um poder ou uma identidade.

Visto que, o conceito de representação não dava conta das perspectivas sociais, foi preciso modificar a noção e repensar as relações de poder e identidade estabelecidas dentro dessa nova perspectiva. Com relação ao objeto literário, o sujeito é representado a partir da memória (individual ou coletiva), do tema, das ideologias e das cosmovisões de homens e mulheres negras. Desse modo, constitui-se como um corpus literário produzido por sujeitos afrodescendentes, que fala sobre e a partir de experiências comuns e ou particulares, distinguindo-se da literatura produzida por brancos (o mesmo sobre o outro) e centrando-se na autorrepresentação, ou melhor, na representatividade por meio do objeto literário (o outro sobre si)³, em consonância com o que afirma Cuti (2010) sobre a literatura negro-brasileira:

O surgimento da personagem, do autor e do leitor negros, trouxe para a literatura brasileira questões atinentes à sua própria formação, como a incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas, traços de uma subjetividade coletiva fundamentados no sujeito étnico do discurso, mudanças de paradigma crítico literário, noções classificatórias e conceituação das obras de poesia e ficção. (CUTI, 2010, p. 11)

Desse modo, mostram-se relevante os estudos sobre a memória e a identidade. Na perspectiva, que a memória não seja esquecida, a lembrança é fundamental para um movimento de (re)existência dos grupos mais afetados pela história e pela branquitude euro e norte-americana⁴. Em especial, na literatura. A constituição política, estética e ideológica de

³ Entende-se o 'outro' na perspectiva da outrização, Spivak. (1985)

⁴ Historicamente, a América latina sofre de forma latente os efeitos da colonização, sobretudo, na estrutura econômico-política.

um corpus negro-literário fomenta o movimento da arte e reafirma uma tendência literária representativa: o sujeito que fala sobre si.

Maréia: memória palavra e ancestralidade

O romance escrito em terceira pessoa, não linear, alinha passado, presente e futuro, em um movimento que coloca em paralelo perspectivas de vidas distintas, advindas de um mesmo momento histórico, porém remete a um passado duplo: um primeiro, mais próximo, da colonização, do sequestro de africanos para escravização; o outro, distante, indefinido, portanto, da tradição oral, da ancestralidade.

A ancestralidade está presente na obra não apenas como temática, mas movimento de resgate às práticas ancestrais, à necessidade de valorizar os aspectos identitários vinculados a negritude. Alves evoca nas personagens e nas relações que estabelecem entre si e com o passado, o afeto, a comunhão, o prazer, a dor, a memória de um passado sofrido, a luta, a resistência e a religiosidade, pois cabem todas as subjetividades possíveis em ser negro, em sentir-se negro, possibilidades de existência que foram violadas e reprimidas pela branquitude ao longo da história.

A narrativa inicia com a contextualização das navegações, da instalação portuguesa e a chegada de Maria Francisca ao Brasil, uma mulher portuguesa que foi enviada para a então colônia portuguesa para cumprir promessa de casamento. A autora descreve esse processo de forma clara, com construtos sócio-histórico definidos. Nessa perspectiva, a mulher era tratada como um objeto, alienada de sua subjetividade, sendo quase exclusivamente criada para a procriação ou gerenciamento do lar. A partir desta cena, os capítulos seguintes são divididos de maneira que acompanhamos a trajetória dos Menezes de Albuquerque e Nunes dos Santos em situações paralelas, representando a forma de ocupação do Brasil e a constituição do amalgamento étnico e sociológico de nossa sociedade, bem como de algumas de suas idiossincrasias. Um dos primeiros episódios da narração a autora descreve esse processo:

Consta que um dos Albuquerque, após ter raptado, em terras de África, mais 50 almas, entre homens mulheres e crianças transportou-os em negreiros, presenteou-os ao Imperador numa recepção no Palácio Real, foi glorificado por seu feito. As prendas ofertadas ao magnânimo monarca eram mulheres, crianças e homens nus, com uma minúscula peça de tecido a lhes envolver as partes íntimas, em respeito à presença da comissão clerical, que, em nome da Santa Sé, espargia água benta no lote humano, espantando qualquer malefício que eles poderiam conter ou ocasionar ao soberano. (ALVES, 2019, p.18)

A família de Maréia é descendente de escravos trazidos da África e representa uma ligação histórica e de resistência preta, não de sofrimento, mas de sujeitos(as) conectados com suas ancestralidades e deidades, sobretudo, as mulheres que afirmam sua identidade na música, na comida tradicional, no sobrenatural. Essa escolha da autora estabelece uma mudança de paradigma, no que se refere ao imaginário construído sobre os negros: em que aparece apenas violência, dor e sofrimento. Alves não nega essa relação, pois ela existe e é histórica, mas apresenta o outro lado, o do afeto, do prazer em cultivar as raízes, da unidade familiar, da resistência. Nesse sentido, percebe-se um movimento que evoca memórias passadas e que no presente (re)afirma a própria negritude, em consonância com o que propõe Hooks (2019).

A personagem Maréia, que nomeia a obra, é herdeira da musicalidade ancestral e seu nome é explicado pela junção de dois elementos de grande força simbólica, porque ambos podem ser associados à ideia de superação, pois tanto a travessia de um oceano quanto a de um deserto permite relações com a exposição a perigos e padecimentos. Por essa perspectiva é possível pensar no percurso dos africanos trazidos para o Brasil, em sua solidão diante da ruptura forçada de vínculos com familiares, com o meio onde viviam, com tradições e sua cultura. Maréia representa, ao mesmo tempo, a disjunção de partes que se complementam e algum tipo de elo com aquilo que foram forçados a abandonar. Com suas narrativas, Marcílio procura juntar o que está fragmentado com o propósito de dar algum sentido aos vazios em relação ao passado:

“Eu sou cabinda.” – afirmava com convicção; ninguém ousava discordar, se parrasse alguma dúvida, entenderiam como agradável conversa de marinheiro. “Sabe como é? Lá, em outras terras, naqueles tempos, o meu povo já trazia a tradição da lida com embarcações, pescas, travessias de rios e mares. Aqui fomos forçados a fazer de um tudo, mas o que se é não se esquece, fica registrado no corpo, na pele, na mente. Além do mais, o que somos é regado pela força da palavra cochiçada, como aqui no nosso zungu. (ALVES, 2019, p. 53)

Como se vê, é um laço fugidio cujas amarras são as memórias, por isso o caráter fluido e fragmentário, como a água, como a areia, por isso a música tem importância na trajetória de Maréia. A musicalidade apresenta-se como um elemento da herança ancestral vinculada ao núcleo familiar da personagem, não se restringindo apenas a Maréia, mas a sua avó Déia, a mãe Tatiana e a tia Caciana, todas elas formam um conjunto musical de mulheres negras que cantam e tocam.

A autora explica, em entrevista ao site Biblioo, ao criá-la se inspirou na música erudita, no samba, no choro, nas cantigas de roda, portanto na mistura que junta o formal ao intuitivo, ou seja, a música na obra contrapõe o conhecimento sistematizado ao preservado pelas tradições ancestrais. A personagem ascende a espaços de privilégios, considerados

apropriados para branco-burgueses, a exemplo da universidade, sendo importante destacar que no – no Brasil, o acesso democrático ao ensino superior por pretos, indígenas e quilombolas é recente. Em *O espetáculo das raças* (2017), Lilia Schwarcz, demonstra quanto as instituições de ensino superior e áreas do conhecimento como História, Direito e Medicina foram decisivas para o racismo e a conseqüente invisibilização dos negros e das negras. No caso do romance, a protagonista se graduou em música clássica e, posteriormente, abriu sua própria escola.

“Marécia absorta tocava. No retrato, o Ibiácy do Pífano parecia criar vida, sorria. Ela, emocionada conectava-se com um legado ancestral, ouvia as palavras sábias da avó: “a música conversa com todas as coisas, com todas as artes, em tudo tem música”. (ALVES, 2019, p. 28). A personagem volta-se para o passado e a sua ancestralidade por intermédio da música e da reverência à família. Há um profundo respeito pela palavra e pela memória dos mais velhos, como se vê no interesse pelas histórias contadas por vó Déia e Marcílio sobre a fundação do mundo, a vida dos antepassados, ao África. Percebemos que não há questionamentos em torno dessa posição de sujeito dentro da narrativa. A ancestralidade está intimamente referenciada na memória e na caracterização identitária das personagens, a protagonista reverencia os anciões e ouve carinhosamente os conselhos sábios da avó. Essa reverência aos mais velhos, a presença da mãe preta como protagonista e as narrativas orais fazem parte da herança negro diaspórica e do passado relativo a África negra.

A protagonista sente-se componente do núcleo familiar e pertencente a essa herança, de modo que reverencia e absorve, pela música que por vezes funciona como ponte entre o passado e o presente, ativando a memória estabelecendo pontes por meio da sensibilidade que leva à percepção de todas as coisas. A música e os encontros familiares dos Nunes dos Santos são alguns dos elementos e/ou momentos em que autora deixa claro a ligação ancestral das personagens. As mulheres, nessa perspectiva, já não são criadas apenas para a procriação ou gerenciamento do lar, apesar de responsáveis pela culinária, pelo samba e pela roda.

De acordo com Hampâté-Bâ (1963), um velho é uma biblioteca viva, assim, no romance, a preservação desses momentos em família, da contação de histórias, do zungu⁵ e da música tudo é realizado com muito afeto e alegria e remete à memória e a ancestralidades. A avó, Dorotéia, contava que descendiam de Takatifu, aquele que nasceu sagrado, irmão gêmeo

⁵ Comida típica, sendo o seu principal ingrediente frutos do mar.

de Atsu, o mais jovem dos dois, afirmando que ao nascerem, foram considerados dádivas dos deuses. Nessa perspectiva, a presença dos gêmeos fazem referência não apenas aos primeiros antepassados da família Nunes dos Santos, mas também a cultura iorubá, no que se refere aos Ibejis, o orixá criança, que é saudado nos diversos rituais do candomblé brasileiro.

Acomodou-se ao volante, mal continha a ansiedade para contar as novidades e matar as saudades com abraços carinhosos, sorrisos, comidas e músicas. Antecipava o reencontro, certamente ela trocava flauta, Tânia, sua mãe, pontearia a velha viola de sete cordas, Cácia, sua tia, versátil no cavaquinho, as acompanharia, vó Déia, com sorriso de satisfação, iria ritmando com palmas sincopadas, formariam de improviso um conjunto musical só de mulheres, dialogando num chorinho. (ALVES, 2019, p. 48)

Alves, descreve os sentimentos e sensações dos personagens, como se percebem (a consciência de si) e percebem uns aos outros. Esse recurso, permite que se revele a ligação entre Maréia, a sua família, a música e a própria ancestralidade. Quando em relação de oposição, a família Menezes de Albuquerque está deslocada e enfraquecida, não tendo comunhão ou prazer em reunirem-se. Como afirma Hooks (2019), é preciso amar a própria negritude e deslocar os arquétipos branco-cêntricos. A autora, nesse sentido, se detém em conectar o passado, a memória ancestral, a língua e a identidade negra em um movimento de amor.

Na perspectiva da memória e da palavra, o patriarca, Marcílio, reunia a todos(as) para contar e rememorar as histórias dos guerreiros e ancestrais. O avô de Maréia era consciente da necessidade de lembrar do passado, de glorificar os feitos dos seus ancestrais, de lembrar dos seus deuses para não deixar morrer o legado, a cultura e as vinculações com as ancestralidades.

Marcílio adorava contar a saga cheia de façanhas dos homens da família, fascinados por aventurar-se nas águas, uma paixão desde imemorráveis tempos. Ele repetia fatos para não serem esquecidas e se perderem (...) reorganizava memórias ouvidas, vivenciadas, reavivava memórias que se apagavam nas memórias alheias; às vezes as palavras emudeciam, os olhos marejavam. (ALVES, 2019, p. 49)

Percebemos que a constante rememoração constituiu a base de um núcleo familiar em *Maréia*, assim a memória, enquanto recurso constitui sujeitos diferentes, pois os submete a experiências sociais diferentes. Os Nunes dos Santos, mesmo sem a fortuna e o poder de influência dos Menezes de Albuquerque, conseguem preservar as tradições, a religiosidade, os afetos e as alegrias. A família branca formou-se a partir da usurpação e da violência e, sofrendo posteriormente enfermidades e desgraças, não vê motivos para – desejar – rememorar o passado familiar. A memória armazena, comumente lembranças negativas, marcando os sujeitos que sofreram a ação. Sendo assim, as lembranças mais pertinentes e que pairavam no seio familiar dos Menezes de Albuquerque eram das mortes dos irmãos de

Alfredo, cruéis memórias que causaram a loucura de sua mãe, Guilhermina. Em ambas as famílias, cabe aos mais velhos a preservação do passado que, no caso da de pessoas brancas, é escamoteado porque desvelá-lo significa expor os embustes com os quais assegura a posição social que ostenta. Para a outra, a revelação do passado, ainda que fragmentado, com lacunas e imprecisões, representa a elevação moral por meio da consciência de sua identidade, que resulta na apropriação de elementos culturais e religiosos herdados das ancestralidades.

Isso é reforçado por outro aspecto da narrativa, o uso da língua iorubá, particularmente em dois capítulos, os quais se centram em vó Déia, representando também recurso de valorização dos mais velhos por causa do domínio de conhecimentos ancestrais. Miriam, afirma que viu necessidade de utilizar o vocabulário iorubá, que é tão presente nos terreiros de candomblé, um pouco na umbanda e mesmo no universo LGBTQIAP+, com o pajubá. A autora diz que no Brasil, não existe apenas o português brasileiro, como citação representativa, das muitas passagens em iorubá na narrativa: As “Awon Oludamoran Iya”, Conselho das Sábias representavam as oitos “idile”; clãs, que formavam o povoado, acompanhavam as gravidezes das mulheres. (...) as “Awon Oludamoran Iya” se entrelaçavam as mãos, entoavam cantigas, que se integravam ao som da cachoeira que se derramava sobre as pedras. (ALVES, 2019, p.100-101).

A língua, nesse sentido, é um instrumento de poder e de identificação, pois reconhecemo-nos dentro de uma comunidade linguística pelo idioma que falamos e pelas memórias, tradições e culturas que partilhamos. No romance de Miriam Alves, os mais velhos cumprem a função de portadores desses conhecimentos, independentemente de ser um passado adulterado, como é o dos Menezes de Albuquerque. Dessa maneira, fica claro, que a narrativa evoca sentidos, sabores, música, ancestralidade e língua (dentro da memória de alto nível e da meta memória) para a construção nuclear identitária dos Nunes dos Santos. A representação da negritude que reivindica um passado por direito e ressignifica um presente à luz das suas experiências individuais e coletivas, enquanto sujeitos(as).

Considerações finais

O objetivo desse trabalho foi o de caracterizar os aspectos identitários representados em *Maréia*, à luz de reflexões acerca da memória e identidade. O romance apresenta questões que dizem respeito à oralidade, à ancestralidade e às práticas religiosas de matriz africana que fazem parte da herança negro diaspóricas, tendo as personagens mais velhas, como é o caso dos avós da protagonista, uma função crucial para o desenvolvimento da trama. Por esse ponto de vista, é possível afirmar que a narrativa tem força metafórica que precisa ser ressaltada, uma vez que situações, elementos e fatos que a movimentam estão simultaneamente no campo da ficção, da história do Brasil e, de algum modo, na memória da maior

parcela de seus habitantes, a população negra, inclusive na daquelas pessoas que não têm consciência dessa memória. No que se refere à memória do povo negro, muito do pouco que se sabe sobre a herança africana dos quase quatro séculos de escravização chegou a nossos dias pela voz de sucessivas gerações de velhos e velhas.

Miriam Alves traz uma perspectiva particular em relação ao *ser* negro, diferente das comumente representadas nas produções literárias de não-negros, sendo importante assinalar as particularidades intrínsecas a sua visão de mulher e escritora negra, o que diz respeito à percepção que tem de homens negros e mulheres negras. Para tanto recriou cenários, resgatou dados históricos – que jamais devem ser esquecidos – sobre a luta e a sobrevivência do povo negro diante de um processo contínuo e histórico de exclusão, de negações, de discriminação, de invisibilização. Essa situação se mostra ainda mais grave, quando percebemos no cotidiano de qualquer brasileiro, independente da condição social, das convicções político-ideológicas, da crença religiosa ou da região onde mora, a presença viva da influência das culturas africanas que os escravizados preservaram em sua memória e transmitiram, às escondidas, de boca em boca. Segundo Candau (2019), não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente. (p.19). A narrativa de *Maréia* é sobre essa busca identitária, de lutas, frustrações e conquistas, portanto, também de afetos e amor à negritude.

DESDE LAS AGUAS DEL OCÉANO HASTA LA TERNURA DE LA ABUELA: LA REPRESENTACIÓN IDENTITÁRIA EN *MARÉIA*, DE MIRIAM ALVES

RESUMEN: La presente investigación tiene como corpus literario el romance *Maréia*, de la autora Miriam Alves, cuya trama se desarrolla a partir de dos caminos: el de la memoria y el de la reconstrucción identitária. Centrada en el protagonismo femenino negro, la narrativa comprende atemporalidades, discute las representaciones históricas del colonialismo y de la diáspora negra, además de evidenciar las relaciones de los personajes con prácticas religiosas que, por su vez, se vuelven a sus ancestralidades. En ese sentido, este estudio propone caracterizar los aspectos identitários en *Maréia* desde la perspectiva de la autoría femenina negra. La fundamentación teórica, como principales, está basada en Cuti (2010), con el concepto de literatura negro-brasileña; Conceição Evaristo (2011), para las reflexiones sobre la autoría negro-femenina; Candau (2019) y Le Goff (1990), en respecto a los estudios de la memoria e identidad; Silva, Hall y Woodward (2020), para discutir las cuestiones de identidad y representación.

PALABRAS-CLAVE: Literatura brasileña. Memoria y resistencia negra; Literatura e historia. Literatura negro-femenina. Literatura. Memoria e identidad.

REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. *Maréia*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

AMARO, Wagner. *Miriam Alves: a memória no romance como reconstrução da identidade*. In *Biblio*, 2019. Disponível em: <https://biblio.info/miriam-alves-a-memoria-no-romance-como-reconstrucao-da-identidade/> Acesso em 28 de jan. de 2021.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. Trad. Maria Leticia Ferreira. Ed. Contexto, SP. 2019.

- CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de Representação. Dourados: Fronteiras, 2011.
- CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: selo Negro, 2010.
- DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Senac, 2003.
- EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. SCRIPTA, Belo Horizonte, 2009; Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365> Acesso em: 07 de dez. de 2020.
- GOMES, Laurentino. *1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Brasil e Portugal*. São Paulo: Planeta, 2007.
- HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão [et. Al]. Campinas, SP. Editora Unicamp, 1990.
- ALVES, Miriam. *Dados biográficos*. In. Literafro: o portal da literatura afro-brasileira. MG, 2020.
- PIZA, Edith. *Porta de vidro: entrada para branquitude*. In: CARONE, Iray e BENTO, Maria Aparecida da Silva (org.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.
- PLÖGER, Tilo; JAGUM, Marcos de. *Os Oráculos de Ifá: A comunicação com os deuses nas tradições do Ifismo Yorubá, Candomblé e Santeria*. Tredition GmbH, 2017.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al]. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2007.
- SCHARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SILVA, Helenice Christina Lima. *O Papel da memória em Amkoullel, O Menino Fula, de Amadou Hampâté Bâ*. Uberlândia, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/21102/1/PapelMemoriaAmkoullel.pdf> Acesso em 10 de jan. de 2022.
- SOUZA, Florentina da Silva. *Maréia: histórias de mar e vida....* In: ALVES, Miriam. *Maréia*. Rio de Janeiro: Malé, 2019.
- TINHORÃO, José Ramos. *Os sons dos negros no Brasil – cantos, danças, folgedos: origens*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Recebido em: 05/06/2022.

Aprovado em: 13/07/22.